

CADERNOS DE LANZAROTE: A ESCRITA DOS DIÁRIOS COMO APRENDIZADO DO EXÍLIO

LANZAROTE DIARIES: JOURNAL WRITING AS LEARNING FROM THE EXILE

Marcelo Brito da Silva
Vinicius Carvalho Pereira^{1}*

RESUMO

O presente artigo analisa os diários de José Saramago, intitulados *Cadernos de Lanzarote*, como documentos de aprendizado do exílio, mantidos durante os anos em que o escritor se exilou voluntariamente na ilha espanhola que dá nome à obra, motivado pela mágoa contra o governo português, o qual havia proibido o romance *O evangelho segundo Jesus Cristo* de concorrer ao Prêmio Literário Europeu. Adota como referencial teórico o pensamento de Edward Said (2003; 2005) sobre o tema do exílio, e de Philippe Lejeune (2014), Béatrice Didier (1991) e Rodrigo Xavier (2013) sobre o diário como gênero. O artigo mapeia excertos dos *Cadernos de Lanzarote* que revelam de modo mais evidente o sentimento de exílio, assinalando que, no caso de Saramago, a saída de Portugal foi um ato de liberdade e que os diários representam um exercício de reconstrução da vida longe da pátria. Suas páginas contêm críticas do escritor ao seu país, mas também afirmações de apreço e forte ligação a Portugal. Também corroboram a leitura dos *Cadernos* como escrita do exílio os trechos nos quais Saramago reflete sobre sua nova relação com Lanzarote, em expressões de gratidão e admiração.

Palavras-chave: *Cadernos de Lanzarote*; José Saramago; diário; escrita do exílio.

ABSTRACT:

This paper analyzes José Saramago's journals, *Lanzarote Diaries*, as documents of the writer's learning from the period when he willingly exiled himself in the Spanish island his book is named after. Saramago was motivated by distress over the Portuguese government's decision to veto the novel *The Gospel According to Jesus Christ* from running for the European Literary Prize. As to the theoretical references for our discussion, we adopt contributions by Edward Said (2003; 2005) on the theme of exile, and by Philippe Lejeune (2014), Béatrice Didier (1991) and Rodrigo Xavier (2013) on journals as a genre. We herein map out excerpts from *Lanzarote Diaries* that highlight the feeling of exile, pointing out that leaving Portugal behind was an act of freedom for Saramago, and that his journals represent an exercise of rebuilding life away from his country. His pages show criticisms of Portugal, but also fondness and tight connections to the country. The parts where Saramago reflects upon his new relation to Lanzarote, with expressions of gratitude and admiration, also confirm our reading of the *Lanzarote Diaries* as exile writings.

Keywords: *Lanzarote Diaries*; José Saramago; journal; exile writing.

1 * VINICIUS CARVALHO PEREIRA é professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Doutor e Mestre em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Estágio de Pós-Doc na Universidade de Nottingham (UoN-UK). É Líder do grupo de pesquisa SEMIC- Semióticas Contemporâneas. Coordenador do ensino de Pós-Graduação da UFMT.

MARCELO BRITO DA SILVA Doutor em Estudos de Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). É professor do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) - campus Rondonópolis. Tem experiência na área de Letras, com ênfase no ensino de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira.



Para discutirmos a escrita dos diários como aprendizado do exílio nos *Cadernos de Lanzarote*, de José Saramago, podemos começar pontuando algumas definições importantes sobre o tema do exílio, a partir das contribuições de Edward Said. Segundo ele, é preciso estabelecer distinções entre exilados, refugiados, expatriados e emigrados (SAID, 2003, p. 54). O “exilado” propriamente dito carrega o estigma do banimento, pois se encontra impedido de voltar para sua terra. Em face disso, leva uma vida infeliz e é visto como um forasteiro. O “refugiado” contempla uma conotação política que remete a grandes contingentes de pessoas carentes de ajuda internacional. Contrastando o exilado e o refugiado, Said (2003) lembra que o primeiro traz um toque de solidão e espiritualidade, enquanto o segundo traz um sentido de inocência e necessidade. Uma terceira categoria é a do “expatriado”, aquele que mora voluntariamente em outro país, como é o caso do escritor que abordaremos neste estudo. As pessoas nessas condições sentem a mesma solidão dos exilados, no entanto, não compartilham semelhantes interdições. Em seu texto, Said (2003) cita o exemplo de Hemingway e Fitzgerald, que, como Saramago, escolheram deixar o país de origem. Por último, Said destaca os “emigrados”, que gozam de uma situação ambígua, pois embora se sintam inicialmente deslocados, participam da construção do país de destino e acabam perdendo, com o tempo, o rótulo de exilados. É o caso dos colonos europeus na África, Ásia e na Austrália, que passaram a ser vistos na qualidade de pioneiros (SAID, 2003, p. 53).

Edward Said afirma que o exílio é um tema vigoroso, não obstante ser uma realidade terrível para quem o experimenta. Ele ressalta que, se por um lado o exílio protagonizou episódios heroicos e românticos da literatura, por outro lado “eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação” (SAID, 2003, p. 46). Com tais esforços, muitos escritores e intelectuais (e aqui podemos incluir o próprio Said) tentaram conferir dignidade a uma condição que facilmente pode ameaçar a dignidade e a identidade das pessoas. Com base nessas reflexões, vamos pensar agora sobre o modo como José Saramago viveu a sua experiência de exílio em Lanzarote.

Philippe Lejeune (2014) apresenta o diário como uma atividade passageira e irregular, mantida geralmente durante alguma fase da vida, como um exercício sazonal que se torna uma espécie de pulsão em momentos cruciais da existência. Isso nos leva a pensar na motivação de José Saramago em manter um diário por cinco anos, de 1993 a 1997, publicados aqui no Brasil em dois volumes, intitulados *Cadernos de Lanzarote I* (1997) e *Cadernos de Lanzarote II* (1999), doravante chamados apenas de *Cadernos*. Nas palavras do escritor, como lemos no excerto abaixo, vemos que ele desejou somar aos sinais que o identificavam um olhar sobre si mesmo, e o fez a partir da circunstância do seu exílio voluntário em Lanzarote, uma das ilhas Canárias que pertence à Espanha:

Ora, **trazido pelas circunstâncias a viver longe**, tornado de algum modo invisível aos olhos de quantos se habituaram a ver-me e a encontrar-me onde me viam, senti (sempre começamos por sentir, depois que passamos ao raciocínio) a necessidade de juntar aos sinais que me identificam um certo olhar sobre mim mesmo (SARAMAGO, 1997, p. 10, grifos nossos).

Com efeito, há épocas na vida mais propícias à escrita de um diário. Philippe Lejeune (2014) aponta alguns exemplos, tais como a adolescência e os períodos de enfermidade. Béatrice Didier (1991), ao tratar da variedade do diário, cita subgêneros que têm a ver com momentos especiais, como os diários de viagem, de prisão ou de viciados.

A primeira entrada dos *Cadernos* data de 15 de abril de 1993. Nela José Saramago lembra do presente que recebera dos cunhados María e Javier, um caderno de papel reciclado que vinha com a recomendação de que era para o escritor registrar nele seus “dias de Lanzarote” (SARAMAGO, 1997, p. 11). José Saramago confessa também que já vinha alimentando a ideia de manter um diário pessoal. A questão é saber em que medida se pode identificar os *Cadernos* como escrita do exílio. Que sentimento de exílio as páginas dos *Cadernos* revelam?

José Saramago saiu de sua pátria motivado pela mágoa contra o governo português, chefiado à época pelo primeiro-ministro António Cavaco da Silva, cujo subsecretário de cultura proibiu *O Evangelho segundo Jesus Cristo* de concorrer ao Prêmio Literário Europeu, em 1992. Numa entrevista a José Carlos de Vasconcelos, José Saramago comenta a razão de sua saída de Portugal:

O mal de amor de José Saramago pela Pátria é conhecido. Pago todos os impostos em Portugal e voto em Portugal. Se não vivo em Portugal é porque fui maltratado, publicamente ofendido pelo governo de Cavaco Silva, de que era secretário de Estado da Cultura Santana Lopes e subsecretário Sousa Lara. E no governo, a que pertencia Durão Barroso, não se levantou uma única voz dizendo “isto é um disparate, isto não se faz!” (SARAMAGO, 2010, p. 103).

Tal sentimento perpassa várias entradas dos *Cadernos*, especialmente o primeiro volume, de 1993. A partir do segundo volume, a mágoa aparece mais espaçada e aparentemente arrefecida.

Entre os artigos que encontramos sobre os *Cadernos*, um deles nos ajuda a pensar no tema do exílio. Com o título “‘Lanzarote é minha jangada de pedra’: José Saramago e a escrita memorialística do exílio”, o artigo de Rodrigo Xavier (2013) coloca o exílio voluntário do escritor em Lanzarote como condição profícua para a produção da escrita de si, embalada pela memória e pelo afastamento geográfico de Portugal. Segundo o articulista, os *Cadernos de Lanzarote* são o registro da vida do escritor como homem afastado de Portugal e ao mesmo tempo um exercício de aprendizado do exílio. Salienta que nem sempre o exílio é obrigatório, como foi o caso de José Saramago, que se retirou voluntariamente do seu país:

Por vezes, o exilado recorre ao afastamento de seu lugar natalício, posto que este não lhe oferece mais o espaço para que se manifeste como deseja, ou ainda, sente-se o exilado alijado da sua própria casa porque ela já não mais o acolhe como filho dileto, ou não reconhece nele um representante digno da identidade patriótica que representa os interesses e as ideologias nacionais (XAVIER, 2013, p. 218).

Portanto, no caso de José Saramago, o exílio foi uma opção, um ato de liberdade. Mas também não deixa de ser uma solidão vivida fora do grupo. Por esse motivo, o escritor manteve o diário como tentativa, talvez, de resgatar seu senso de pertencimento e atendendo à necessidade de reconstruir sua vida longe da pátria. Nesse sentido, os *Cadernos* podem ser considerados um tipo de aprendizado do exílio, uma tentativa de lidar com a perda de contato com a solidez da terra natal.

Os *Cadernos*, além de deixarem transparecer a dor do exílio, são caracterizados por uma aguda crítica das consciências e uma leitura de Portugal por um escritor que assumiu seu compromisso de intelectual e de figura pública. Nessa leitura, José Saramago denuncia a apatia social e a ausência de senso crítico dos portugueses, que, segundo ele, mergulharam o país num processo de conformismo e declínio.

Recorremos a algumas anotações sobre passagens que podemos considerar como indicadoras de uma escrita do exílio, com as quais reforçamos as colocações de Xavier (2013). São muitas as análises de José Saramago sobre Portugal e de sua relação com a Europa nas páginas dos *Cadernos*, bem como entradas que revelam saudades da pátria e do povo português. Confirma-se, como o próprio José Saramago escreveu no *Conto da ilha desconhecida* (1998), que é preciso sair da ilha para ver a ilha.

Em 22 de maio de 1993, sobre a condenação de Xanana Gusmão, ativista pela independência do Timor Leste, José Saramago comenta o hábito de seus compatriotas de buscarem alívio para suas consciências com procedimentos por ele entendidos como torpes:

Xanana Gusmão foi condenado a prisão perpétua. Portugal não sabe que fazer com este homem. Começamos por considerá-lo como uma espécie de *pharmacos*, um espelho das nossas culpas e também um pequeno remorso particular, levadeiro, tranquilizador da nossa indiferença e cobardia. Depois veio a prisão e o desmoronamento de uma personalidade que criamos, nós, abúlicos, nós, débeis, talhada numa só peça. O resistente exemplar tornou-se em reles traidor. Agora, iniquamente julgado e condenado, é mais do que certo que vai dar-se princípio a um daqueles «processos de beatificação» tão caros à suavíssima alma portuguesa, sempre pronta a desculpar as responsabilidades alheias esperando que dessa maneira lhe sejam perdoadas as suas... Xanana Gusmão, de quem, no fundo, ninguém quer saber, vai servir para isto (SARAMAGO, 1997, p. 47).

A “suavíssima alma portuguesa” não escapa de outra crítica severa, desta vez tocante à sua força e coragem, na entrada de 7 de janeiro de 1994, em que José Saramago invoca “reminiscências histórico-melancólicas” (SARAMAGO, 1997, p. 187). Refere-se à crença secular alimentada por muitos portugueses de que o próprio Cristo aparecera a D. Afonso Henriques antes da batalha de Ourique. O escritor, seguindo a linhagem de Alexandre Herculano, põe em suspeição o relato dos cronistas, que sempre procuram enraizar a ideia de que os portugueses são “melhores”, e comenta com ironia a difundida ideia da participação divina nos sucessos da batalha. Acidamente, José Saramago dispara:

Os cronistas dizem que éramos pouquíssimos em comparação com a multidão dos mouros, afirmação que depois ganhou raízes, porque, no geral das guerras posteriores, até aos nossos dias, sempre foi ponto de honra nosso sermos menos que os adversários. A nossa força e a nossa coragem não necessitam, portanto, de melhor demonstração. Quanto à batalha de Ourique, tirando-lhe o Cristo, terá sido igual às outras: uns morreram, outros não. Parece que o sangue derramado foi muito, o que não admira. Se me perguntam como é que vejo o formidando e teológico combate, acho que foi uma lástima ter Cristo aparecido somente ao nosso primeiro rei. É que podia ter aparecido igualmente aos infiéis mouros, persuadindo-os à boa paz do seu erro e trazendo-os à verdadeira fé, então ainda na pujança do seu primeiro milénio. Convertidos ao cristianismo, os antigos sequazes de Mafoma passariam a engrossar as nossas hostes e a colaborar na multiplicação dos Portugueses, graças ao que não teríamos começado uma pátria com essa lamúria piegas de sermos poucos. Já sei que os patriotas acodem sempre a rectificar: «Poucos, sim, mas bons.» E eu digo, suspirando: «Que bom seria se pudéssemos ser melhores...» (SARAMAGO, 1997, p. 188).

Por ocasião de uma mesa redonda em que o tema era Lisboa, José Saramago comenta a constante referência que é feita ao passado glorioso dos portugueses que, segundo ele, os transforma “numa espécie de Gregos de agora que caíssem na fraqueza tonta de vangloriar-se dos Homeros e Platões, dos Péricles e Demóstenes, dos Pitágoras e Epicuros...” (SARAMAGO, 1997, p. 279) E, na mesma mesa, falando da cidade e de seus projetos inacabados, como o da avenida que D. João V queria abrir do convento de Mafra até o mar, José Saramago escreve: “Parece ser a nossa sina: deixar tudo a meio caminho, ou nem isso” (1997, p. 279).

Numa outra ocasião, então em Buenos Aires, José Saramago afirma que “em Portugal, nunca nada é grande demais. Tudo fica sempre na mediania, na pequenez. Nunca há grandes sentimentos nem grandes paixões” (SARAMAGO, 2010, p. 101). Citamos outra declaração, colhida de fora dos *Cadernos*, como a anterior, dada ao *Jornal de Letras* em 1999, que corrobora a voz crítica em relação a Portugal que o escritor sustentou em seus anos de Lanzarote:

Este país [Portugal] preocupa-me, este país dói-me. E aflige-me a apatia, aflige-me a indiferença, aflige-me o egoísmo profundo em que esta sociedade vive. De vem em quando, como somos um povo de fogos de palha, ardemos muito, mas queimamos depressa... (SARAMAGO, 2010, p. 102).

Na entrada de 25 de fevereiro de 1995, José Saramago, sem fazer nenhuma referência a fatos do dia, local ou evento, ocupa-se exclusivamente em pensar sobre “O que é Portugal?” Para ele, o país talvez seja um “adormecido inquieto” cujos filhos, quando precisam falar sobre ele, invocam a história e a cultura. Para José Saramago, a constância dessa invocação é um modo de compensar frustrações e um tipo de dormência nacional:

Como evitar que a «antiga e gloriosa história» continue a servir de derradeira e estéril compensação de todas as nossas frustrações? Como resistir à tentação falaz de sobrevalorizar o que há alguns anos se acreditou ser «uma certa renovação cultural», fazendo dela um álibi ou uma cortina de fumo? Ou chegámos já tão baixo que, depois de termos desistido de explicar-nos, nem nos damos ao trabalho de justificar-nos? (SARAMAGO, 1997, p. 491-492).

As críticas de José Saramago presentes nos *Cadernos* transcendem fronteiras e contemplam a questão da União Europeia. O anti-europeísmo do escritor é conhecido especialmente por suas entrevistas, mas desde sempre pelo romance *A Jangada de pedra* (1986), e as páginas do diário acrescentam fortes pinceladas no quadro de sua opinião. Para ele, Portugal perde muito em participar da União Europeia. No registro de 2 de dezembro de 1994, o escritor elogia o artigo de Pedro Ramos de Almeida sobre o protetorado português na União Europeia e critica a tendência histórica de Portugal de sempre se colocar sob o poder de um país mais forte. Para o autor, tal poder foi por muito tempo a Inglaterra, depois os Estados Unidos e agora é a União Europeia, que, como os demais, ameaça a independência nacional, “não por efeito de qualquer tipo de absorção violenta, mas por um processo lento, de mesquinha e servil dissolução” (SARAMAGO, 1997, p. 417).

As páginas do diário revelam não apenas as críticas do exilado escritor ao seu país, como também dão conta da consciência que demonstra ter da repercussão de suas palavras, de como elas alimentam o dissabor dos “patriotarrecas” e fazem dilatar sua impopularidade:

Entretanto, graças à entrevista que dei a Juan Arias e que saiu em El País do dia 15, a pátria já terá algo mais com que entreter-se: aí digo que é difícil que possa haver uma cultura viva num país morto, como é o caso de Portugal, aí pergunto para que serve um país que depende, para viver, de tudo e de todos... A estas horas, já os patriotarrecas do costume devem andar por lá a rosnar contra o indigno e o ingrato. Ou então, nada: tanto quanto a tristeza de que falava o Camões, também a beata satisfação de si próprio, essa em que anda a rebolar-se meia população, pode ser vil e apagada. Proposta para um debate: de um ponto de vista cultural sério, sem confundir alhos com bugalhos, que projecção efectiva tem Lisboa no País de que é capital? (SARAMAGO, 1997, p. 194)

Com tais críticas, José Saramago sofreu desqualificação de todo tipo por parte de seus conterrâneos, mas mesmo assim não deixou de afirmar seu orgulho de ser português e sua forte ligação com seu país. Ele nunca pretendeu deixar Portugal, pois seu problema não era com o país, mas com o governo, conforme lemos nesta declaração do escritor dada à *Folha de São Paulo*:

Espalham por aí ideias sobre minha relação com o meu país que não estão corretas. Saímos de Lisboa [para a ilha de Lanzarote] em consequência de uma atitude do governo, não do país nem da população. Mas do governo, que não permitiu que meu livro [*O Evangelho segundo Jesus Cristo*] fosse inscrito num prêmio da União Europeia. Nunca tive problemas com o meu país, mas com o governo, que depois não foi capaz de pedir desculpas [...]. Mudei de bairro, porque o vizinho me incomodava. E o vizinho era o governo português (SARAMAGO, 2010, p. 107).

Diante do exposto, concordamos com Rodrigo Xavier em considerar que o exílio se tornou uma oportunidade para a produção de uma escrita de si que talvez não fosse possível fora dele. O exílio constituiu-se, com efeito, numa tomada de visão privilegiada em relação ao lugar de origem, como aconteceu com outros escritores, os quais, em condições semelhantes, viram-se impelidos a escrever suas memórias em diários:

cada um à sua maneira, percebeu durante a experiência do exílio a condição necessária ao desenvolvimento de uma nova maneira de ver, sentir, dizer sobre o si mesmo e sua relação com a “casa”, ou mesmo sobre a relação estabelecida entre si, a nova morada e como a antiga casa lhe parece agora (XAVIER, 2013, p. 222).

O sentimento universal do exilado é a saudade. O primeiro registro de saudade que encontramos nos *Cadernos* tem a ver com a língua. Em 5 de maio de 1993, José Saramago escreve:

Mas hoje, quando as palavras portuguesas — talvez por estar vivendo tão fora delas, nesta ilha de Lanzarote — me aparecem como se acabassem de ser criadas no mesmo instante em que as leio, ou as digo, ou as evoco, deixei a palavra de que precisava para o meu trabalho e fui-me a satisfazer a curiosidade (SARAMAGO, 1997, p. 29).

O registro acima tem a ver com o hábito de recorrer ao dicionário, confessado por Saramago em outro passo dos *Cadernos*, hábito este que se tornou mais frequente quando ele passou a morar em Lanzarote. Assim ele explica o motivo: “não é porque as dúvidas, agora, sejam mais frequentes ou mais incômodas que antes: o que sucede é que se me vem tornando exigentíssima a necessidade de estar perto das minhas palavras” (SARAMAGO, 1997, p. 473). E, na entrada de 15 de março de 1995, o escritor celebra a chegada de Baptista-Bastos e a entrevista para a Sociedade Portuguesa de Autores como uma oportunidade de matar saudades da língua portuguesa: “Adivinho que vou falar mais do que o necessário porque não é todos os dias que me aparecem aqui ocasiões de praticar a língua” (SARAMAGO, 1997, p. 505).

Não apenas o contato com a língua de Camões aplaca as saudades sentidas por José Saramago, como também a chegada de conterrâneos, os quais trazem à casa do escritor “um Portugal de que já quase estava esquecido” (SARAMAGO, 1997, p. 175). Nesse passo, o escritor estava se referindo a Sérgio Ribeiro e Manuel Freire, amigos do escritor, entre outros portugueses.

Em 8 de janeiro de 1996, José Saramago tem contato com notícias de Portugal via antena parabólica instalada em Lanzarote por iniciativa de Pilar. Soube então das angústias dos portugueses diante das tragédias ligadas às inundações e confessa o mal-estar de não participar *in loco* da dor de seus compatriotas:

Percebi então que estar longe é não poder participar, não ser molhado pelas mesmas chuvas, não sentir as mesmas aflições. E quando me apareceram, alagados, os campos do meu velho Ribatejo, aí foi pior, experimentei a sensação incômoda de ser uma espécie de trânsfuga... Vá lá a gente entender a alma humana (SARAMAGO, 1999, p. 19).

Este sentimento de pertença a Portugal, bem como certo desconforto com sua opção pelo exílio voluntário, transparecem em outras passagens dos *Cadernos*, como se vê, por exemplo, no comentário que o escritor faz ao saber do convite para proferir discurso no evento Portugal-Frankfurt 97, segundo consta no registro de 21 de maio de 1997:

A razão de ter sido chamado a ocupar um lugar nesta mesa talvez se deva, afinal, ao facto de ter ido viver para fora da minha pátria, numa distante ilha atlântica: alguém terá tido a ideia generosa de dizer-me que não fui esquecido, que estou perdoado... (SARAMAGO, 1999, p. 378)

Por semelhante modo, corroboram a leitura dos *Cadernos* como escrita do exílio os excertos nos quais José Saramago reafirma sua identificação e apego afetivo ao solo pátrio, por meio de confissões que apenas a situação do exílio propicia:

Toda a gente sabe que Lanzarote não é a minha terra, e eu nunca consentirei que se esqueça que o meu lugar de origem, o autêntico, o natural, o de raiz, flor e fruto, é a Azinhaga, com tudo o que, de norte a sul e de este a oeste, chamado Portugal, a rodeia (SARAMAGO, 1997, p. 560).

A escrita do exílio enseja um novo olhar sobre o lugar de origem, com o qual é possível experimentar uma sensação de reencontro. A passagem que segue, de 20 de maio de 1995, cujo contexto é uma viagem de carro a Lisboa, revela o deslumbramento do escritor pela “formosíssima” cidade, paradoxalmente conhecida e descoberta, ambíguas impressões de quem se sente como filho e visita ao mesmo tempo:

A entrada pela Ponte 25 de Abril, apesar do desfiguramento de que têm vindo a ser vítimas as colinas da cidade, continua a oferecer uma vista assombrosa a quem chega. Una barbaridad, como sonoramente exclamou há anos um espanhol que viajava no autocarro que me trazia de Sevilha. Vinha sentado no banco logo atrás de mim, não dera qualquer sinal de presença durante a viagem, e de súbito, quando o autocarro entrou na ponte e Lisboa se lhe ofereceu, formosíssima, aos olhos, ei-lo a exclamar irresistivelmente: Qué barbaridad! Examino hoje os meus próprios sentimentos, e concluo que também eu estou aqui de visita. «Que maravilha», penso, «e isto está sempre aqui quando estou longe...» Confesso que me fez alguma inveja (SARAMAGO, 1997, p. 560).

As releituras de Portugal e as saudades pátrias contextualizam a classificação dos *Cadernos* como escrita do exílio. Na verdade, os diários da ilha corroboram a afirmação de Said de que o exílio não significa um corte total, um isolamento, “uma separação desesperada do lugar de origem” (SAID, 2005, p. 56). Para a maioria dos exilados, não há uma precisão cirúrgica no corte que o exílio representa, o que significa que eles têm de conviver com a lembrança permanente do lugar de origem. É o que Said denomina de “estado intermediário”, “nem de todo integrado ao novo lugar, nem totalmente liberto do antigo, cercado de envolvimentos e distanciamentos pela metade” (SAID, 2005, p. 57), conforme notamos a partir da leitura dos diários de Saramago.

Queremos agora pegar outro afluente, mas que também põe em evidência a experiência do exílio: não se trata de voltar os olhos para Portugal, mas sim perceber como o escritor se relaciona com a terra que o recebe. Verificamos que Lanzarote não só é tema de muitas passagens dos *Cadernos*, como também protagoniza páginas tocadas pela poesia. São momentos em que o escritor revela sentimentos de admiração, gratidão e mostra-se contente como habitante da ilha.

Nesse particular, recorreremos novamente ao pensamento de Edward Said, o qual considera que o exílio também contempla um lado positivo. Para o teórico, a condição do exílio pode incluir em seu bojo algumas recompensas e até mesmo privilégios (SAID, 2005, p. 66). Ele fala, por exemplo, de uma “dupla perspectiva”, pela qual o exilado nunca vê as coisas de maneira separada ou isolada. Como mostramos acima, o afastamento conduziu o escritor português a reflexões profundas sobre a condição do seu país, tendo como ponto de partida o “estar longe”.

Said defende ainda que o intelectual exilado é um naufrago que “aprende a viver *com* a terra, não *nela*” (SAID, 2005, p. 67), não como um Robinson Crusoe, que quer colonizar, mas na condição de um Marco Polo, guiado pelo sentido do maravilhoso, como um eterno viajante e hóspede temporário. Desse modo, o exílio pode ser um exercício de liberdade que leva o intelectual a inventar seu próprio caminho em terra estrangeira:

Se pudermos tentar esse destino não como uma privação ou algo a ser lastimado, mas como uma forma de liberdade, um processo de descoberta no qual fazemos coisas de acordo com nosso próprio exemplo, à medida que vários interesses despertarem nossa atenção e segundo o objetivo particular que nós mesmos ditamos, então ele será um prazer único (SAID, 2005, p. 69).

Do mesmo modo, nos *Cadernos de Lanzarote* José Saramago lembra que suas raízes estão na Azinhaga, mas prossegue afirmando que se sente um filho de Lanzarote e revela profunda gratidão pela consideração e respeito que a ilha lhe devotou. A passagem remete ao convite que o escritor recebera para realizar uma conferência de abertura:

é em Lanzarote que vivo agora, e com estatuto de residente comunitário, o que faz de mim um lanzarotenho mais, sujeito aos mesmos casos e acasos dos que nasceram cá. Deste ponto de vista, Lanzarote, não sendo a minha terra, é terra minha. Por isso me tocou tão fundo o convite que acabo de receber para proferir a conferência inaugural dos Cursos Universitários de Verão, no próximo mês de Julho, aqui em Arrecife. O que irei dizer nela, ainda não sei, mas uma palavra não faltará de certeza ao discurso: obrigado (SARAMAGO, 1999, p. 96).

Para o exilado escritor dos *Cadernos*, sua situação geográfica significa subtração e soma ao mesmo tempo, porque se ele, por um lado, sente a ausência de sua língua e de seu lugar de origem, por outro revela uma consciência de pertencimento dilatada quando confessa que sua “terra se tornou maior do que era antes” (SARAMAGO, 1999, p. 385) e que se sente “filho de Lanzarote por adoção” (SARAMAGO, 1999, p. 490).

Na entrada de 17 de setembro de 1993, escrevendo de Lisboa, José Saramago indaga se não seria o caso de Lanzarote ter-se convertido na Azinhaga de seu passado, lugar para onde ele gostaria de escapar-se. Não se sentindo mais à vontade na “sua” capital, apetece-lhe voltar ao aconchego da ilha:

Frustrada a operação, pensei logo que poderia escapar-me para Lanzarote e ficar lá estes dias até à viagem que terei de fazer a Paris, no dia 28. Não pôde ser. Houve dificuldades de comunicação com a editora Seuil quando se tratou de alterar os bilhetes, e aqui estou eu, contrariado, irritável, aparentemente como uma criança a quem tivessem tirado o brinquedo preferido. Não é isto, porém. A verdade verdadeira, por muito que me custe reconhecê-lo, é não me sentir eu bem em Lisboa, como se ela não fosse a cidade que, melhor ou pior, via como minha. Esse é o problema: não a vejo, não a sinto. Um súbito pensamento: será Lanzarote, nesta altura da vida, a Azinhaga recuperada? (SARAMAGO, 1997, p. 129-130)

Em outro apontamento, falando do regresso a Lanzarote, José Saramago confessa a “impressão, intensíssima, de estar a voltar a casa” (SARAMAGO, 1997, p. 159).

No registro de 31 de dezembro de 1994, José Saramago faz observações sobre as comemorações da passagem de Ano na Península e nas Ilhas Canárias e fecha o segundo volume dos *Cadernos* confessando o privilégio que é viver em Lanzarote: “Estar perto ou longe, lá ou cá, só depende da vontade. Na Península já se apagaram os fogos-de-artifício. A noite de Lanzarote é cálida, tranquila. Ninguém mais no mundo quer esta paz?” (SARAMAGO, 1997, p. 442).

Digno de nota também é o orgulho do escritor em apresentar a ilha aos visitantes, como na passagem de 17 de março de 1997, que registra a chegada do Baptista-Bastos, amigo íntimo de José Saramago. Há vários excertos como este, que deixam patente a admiração do escritor pela ilha, motivadora de várias descrições poéticas encontradas nos *Cadernos*:

Manhã de passeio, manhã de palavras. Conheço o Baptista-Bastos há muitos anos, somos amigos desde então, portanto temos conversado muitas vezes, mas nunca desta maneira, com esta franqueza, a despejar o saco. Uma ilha, mesmo não sendo deserta, é um bom sítio para falar, é como se estivesse a dizer-nos: «Não há mais mundo, aproveitem antes que este resto se acabe.» Levei-o ao Mirador del Río, aos Jameos del Agua, a Timanfaya, ofereci-lhe tudo isto como se fosse meu, a paisagem, o mar, o céu, o vento. Amanhã regressará a Lisboa, aos seus velhos lugares, à Ajuda onde nasceu, à Alfama onde mora, e, aí, o melhor que eu posso desejar-lhe é que feche os olhos de vez em quando e peça à memória a graça de restituir-lhe aquelas sombras de nuvens que passavam por baixo de nós na falda da montanha fronteira à Graciosa, as escarpas roxas de Famara, ao crepúsculo, entre a neblina, a bocarra hianta da Caldera de los Cuervos, o desenho japonês de duas palmeiras sobre a anca deitada numa colina. Que essa memória não lhe falte, e gozará da vida eterna (SARAMAGO, 1997, p. 507).

Foi também no contexto da chegada de mais um visitante em Lanzarote, desta feita a amiga Maria Alzira Seixo, que José Saramago revelou seu sentimento de pertencimento à terra do seu exílio. Assim ele escreveu em 14 de setembro de 1996:

Maria Alzira Seixo chegou hoje, vem passar uns dias connosco. De cada vez que vou ao aeroporto esperar um amigo português tenho a curiosa impressão de estar a recebê-lo no próprio limiar da casa, como se toda a ilha de Lanzarote fosse minha propriedade, e não apenas estes dois mil e poucos metros quadrados empoleirados no alto da encosta que desce de Tías até Puerto del Carmen... Mais curioso ainda é o sentimento de responsabilidade que me leva a desejar que o visitante só leve de cá boas recordações (SARAMAGO, 1997, p. 595).

A esta altura, podemos também recorrer ao artigo de Aline Galvão (2013), que, ao se debruçar sobre o tema do exílio em Saramago a partir do romance *A Caverna*, cita com propriedade o exemplo de Abraão, cujo exílio não representou castigo, mas abertura e promessa, dando início à história do judaísmo. Essa marca de positividade pode ser atrelada também ao exílio de José Saramago em Lanzarote, que ensejou uma “angústia produtiva”, para ficarmos com a expressão de Edward Said (2005, p. 61). Em lugar de viver lastimando, José Saramago fez florescer vigorosos romances na ilha de seu exílio, entre eles o *Ensaio sobre a cegueira* e *Todos os nomes*, além do próprio *A Caverna*, objeto de estudo da pesquisadora.

Recorremos ao dicionário, hábito em comum com o escritor dos *Cadernos*, para examinar as acepções de “exílio”: Em sentido restrito, o exílio é expulsão da pátria, desterro, deportação e degredo. Em sentido figurado, significa retiro ou solidão em que se vive. No entanto, essas grises acepções não fazem justiça à representação que temos de Lanzarote nos diários de José Saramago, como demonstrado acima. Os excertos selecionados como amostragem sinalizam as boas relações do escritor com a ilha que, embora seja o espaço de seu exílio, de modo algum aparece como um lugar que provoca sofrimento. Se, por um lado, é possível identificarmos um sentir de saudades em algumas passagens, por outro lado, Lanzarote aparece nos *Cadernos* como um verdadeiro lar, um lugar de descanso e objeto de admiração.

Referências

DIDIER, Béatrice. *Le journal intime*. Paris, Puf, 1991.

GALVÃO, Aline Scavazini de Matos. Entre a emigração e o exílio: um estudo da temática do afastamento da terra natal em *A Caverna*, de José Saramago. In: Revista **Estação Literária**. Londrina, v. 10B, p. 142-153, jan. 2013.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Organização Jovita Maria Gerheim Noronha; Tradução Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

SAID, Edward W. Exílio intelectual: expatriados e marginais. In: _____. **Representações do intelectual**: as Conferências Reith de 1993. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 55-70.

SAID, Edward W. Reflexões sobre o exílio. In: _____. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 46-60.

SARAMAGO, José. **As palavras de Saramago**: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas. Fernando Gómez Aguilera (sel. e org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SARAMAGO, José. **Cadernos de Lanzarote**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SARAMAGO, José. **Cadernos de Lanzarote II**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

XAVIER, Rodrigo. “Lanzarote é minha jangada de pedra”: José Saramago e a escrita memorialística do exílio. In: **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**, Vol. 5, nº 11, Novembro, 2013.